

Anistiado político: ALAOR SOUZA FIGUEIREDO

Data de nascimento:

A minha compreensão da desigualdade social se deu quando eu era ainda muito moço, foi um fato histórico bem conhecido no Brasil. Nós estudávamos em Campinas, morávamos em Mococa, São Paulo. Estudávamos em Campinas, no colégio Diocesano Santa Maria. Eu tinha entre 12 e 13 anos. Houve a queda de 29, a crise de 29 com a queda do café, queda da bolsa dos Estados Unidos e da Europa toda. E nós perdemos a fazenda; nós tínhamos uma fazenda boa, fazenda de café. Meu pai tinha financiamento em banco, não pôde pagar o financiamento, não pôde vender o café e acabou tendo que entregar a fazenda para o banco. E nós perdemos tudo.

Fomos para Mococa, acudidos por parentes, tal era a pobreza que ficamos. Ficamos pouco tempo em Mococa, porque decidimos mudar para São Paulo. A mamãe queria criar os moços em cidade maior e com mais condições de estudo. Viemos para São Paulo. Eu já tinha uma consciência bem nítida da injustiça, da desigualdade social e, em São Paulo, fui estudar. Primeiro estudei na Escola Normal de Casa Branca, depois me transferi para o Instituto de Educação de São Paulo, onde o nível político era bem desenvolvido pelo professorado. Tinha diversos professores, o professor Pimentel, o professor Hermes Lima, que foi até ministro da Justiça. Havia no Instituto de Educação uma condição de discussões políticas e militância muito grande, os professores estimulavam isso tudo. Eu fui continuar meus estudos lá e tinha contato com o professor Hermes de Lima, com o professor Pimentel e outro, cujo nome não me lembro, mas que era um militante do Partido Comunista.

O Partido Comunista era uma dura ilegalidade naquele tempo. Mas era um controle do Marxismo. Eu comecei a ter contato com eles bem cedo até, fiquei estudando lá uns dois anos e sempre convivendo com esses professores. Saí de lá formado, mas não me dediquei ao magistério devido aos salários que eram muito baixos. Eu fui trabalhar no Departamento Nacional do Café. Lá com um salário maior e com um ambiente também mais extenso eu tive contato com elementos do Partido Comunista, companheiros aos quais eu me juntei para formar, no Departamento Nacional do Café, uma cooperativa de consumo; e dessa fizemos outras diversas cooperativas de consumo em São Paulo. Chegamos até a fundar a Federação das Cooperativas do Estado de São Paulo. Tudo formado e dirigido pelo Partido Comunista, de maneira estritamente ilegal. E eu, sem procurar, entrei na militância de esquerda, muito acentuada, muito ativa. Elas eram orientadas pelo movimento. O Partido tinha ligação com o funcionalismo através do MUSP – Movimento Unitário dos Servidores Públicos. E eu, de repente, sem perceber como, estava militando no MUSP.

O MUSP ganhou uma importância muito grande porque o próprio governo do estado de São Paulo começou a combatê-lo. Antes mesmo que ele fosse combatido e identificado pelo governo federal como esquerda. Tive uma atuação grande no MUSP, que era uma composição muito grande de comunistas, e eu fui integrar o Partido Comunista como parte dos ferroviários sorocabanos. Fui para a base dos ferroviários porque eu já era professor, já tinha um nível de escolaridade preservado. Na base eu identificava uma deficiência de pessoal de nível de escolaridade mais alto. E eu fui para o lado de alguns companheiros de partido para nós darmos dinamismo e estendermos as bases que o partido tinha na Sorocabana (estrada de ferro) e em São Paulo.

MILITÂNCIA

Esse momento dos comunistas se encontrarem com outros, de ampliarem a sua composição no partido, sempre se dava nas associações de bairros, nas associações de assistência mútua, nas cooperativas, nos movimentos de cooperativas - os movimentos de cooperativas de São Paulo eram muito intensos. Só depois que percebi que elas eram completamente ligadas ao Partido Comunista brasileiro.

Realmente a minha atividade a essa altura ainda era iniciante no Partido, mas a ascensão, ou melhor, a multiplicação de atividades foi muito rápida durante a guerra, porque o Partido Comunista se pôs completamente contra o governo de Getúlio Vargas. O Getúlio Vargas aderiu ao mando dos Estados Unidos, que entraram na guerra. E de tal modo o governo de Vargas fez que mandou 25 mil homens em uma expedição nacional brasileira para atuar na Itália. Muito despreparados, muito desarrumados e muito improvisadamente foram para o campo de batalha em condições muito difíceis de enfrentar uma guerra daquele tipo.

Toda história da Força Expedicionária Brasileira na Itália, dolorosa, com uma mortandade muito grande, foi despreparo da nossa expedição. Nessa época o Partido nitidamente já combatia o Getúlio Vargas; o getulismo era uma coisa espantosa no Brasil. Era um deus o Getúlio. Inclusive, a única organização que combatia o getulismo era o Partido Comunista. Por razões de ordens ideológicas e por ordens científicas - tinha um programa científico. E o getulismo nada mais era que um populismo.

Eu posso ressaltar bem a situação da consciência da juventude com o que acontecia comigo. Eu tinha uma simpatia muito grande pelo Getúlio e ao mesmo tempo eu seguia o Partido e não estava entendendo o porquê do Partido Comunista atacar tanto o Getúlio. Eu era bastante novo e não estava entendendo, mas orientado pelo Partido e não fugia à disciplina. Mas eu achei estranho porque o populismo do Getúlio era dominante. E o Partido Comunista era perseguido desde aquele momento. Todos os maiores perseguidores dos comunistas estavam abraçados, estava estipendiados e ajudados pelo governo de Getúlio Vargas. Ficou bem nítido e, quando eu comecei a ganhar melhor compreensão política, eu vi que a minha simpatia pelo Vargas tinha que ser abandonada. Eu percebi que o governo dele não tinha nada a ver com o socialismo, com o Partido Comunista; muito pelo contrário, combatia muito.

O Prestes foi eleito por diversos estados, parece que por dezesseis estados. E o Partido fez deputados por toda parte: fez 17 federais; estaduais não sei quanto porque em cada assembleia legislativa tinha comunista. Então, imediatamente as atividades comunistas ampliaram muito. Eu não sei se o Getúlio quis fazer de propósito para se antepor às pressões dos Estados Unidos, ou por incompreensão. O certo é que chegou um momento em que o Getúlio Vargas teve que partir para o combate aos terroristas, talvez por pressão norte americana.

O partido estava na ilegalidade e não houve uma perseguição tão violenta não, mesmo porque o partido não tinha organização que se confrontasse com o Governo. Tinha simpatizantes em toda parte, tinha organização em São Paulo, no Rio de Janeiro; não tinha condições mínimas de se opor a um governo como foi o de Getúlio. De maneira que os comunistas se recolheram. Tivemos um período de acompanhamento de atividades sociais, de atividades trabalhistas. Uma atuação muito grande no sindicato trabalhista, no movimento de sindicalização rural,

tudo isso nós fazíamos. Mas não tínhamos um confronto com o Governo porque não tínhamos organização para isso, mas nunca deixamos de atuar. Atuamos sempre no movimento social, nas organizações, nos sindicatos, na sindicalização rural que foi um trabalho que sem dúvida nenhuma é onde se verifica o grande mérito da atividade comunista. E, em verdade, não tivemos perseguição violenta por parte do governo não. O Partido Comunista foi um getulista, chamava-se aquele governo de queremismo. Houve uma distensão grande no Partido, mas depois os companheiros que se opunham ao Getúlio perceberam que ainda era a melhor opção. Não que tivesse muita esperança no Getúlio, mas para não haver quebra, para não haver cisão grande no Partido.

Era um movimento nacionalista, os comunistas entravam lá e deixavam um número para não serem apanhados e não serem discriminados. No movimento nacionalista nós desenvolvemos a luta pelo petróleo, a campanha pelo petróleo. E o Partido se firmou ali. A campanha era o maior empenho, o foco da agitação do Partido era em torno do petróleo é nosso. Não obstante a sociedade em geral não compreendesse nada disso, embora a população não compreendesse, o Partido insistiu. O Petróleo é Nosso, foi a campanha pela Petrobrás, até Getúlio criar a Petrobrás. Foi pressão popular e chegou à compreensão do governo de Getúlio que era possível.

Havia já algumas tentativas de exploração do petróleo no estado de São Paulo, na Bahia, e tudo se deu nesse sentido. Veio o governo do Getúlio, ou foi o do Dutra, e mandou vir lá dos Estados Unidos o Mr. Link, que era ligado à exploração de petróleo na América do Norte. Ele veio aqui para orientar as pesquisas petrolíferas do país. E eu não sei - muito complicado para nós, ninguém tem um pronunciamento sobre isso, eu não conheço - se ele fez de propósito por orientação do governo americano ou se fez honestamente, ele não encontrou indício algum de petróleo, nem na terra, nem no mar. Ele deixou unicamente uma esperança: é possível que pesquisas maiores, com maiores recursos deem uma resposta satisfatória no mar. Na terra não, ele queimou. Na terra não havia possibilidade alguma, as condições estruturais, geológicas não davam possibilidades para isso.

Eu não tenho dúvida alguma de que só o Partido Comunista era quem lutava pelo petróleo, só e de uma maneira tão isolada no começo que era uma situação até risível para o povo; era motivo até de chacota nos meios intelectuais e comerciais. Mas durou pouco porque logo se verificou que os comunistas tinham razão e começou a fluir a campanha do Petróleo é Nosso. Foi tal a movimentação em torno da campanha Petróleo é Nosso, que o Getúlio foi levado a criar a Petrobras. Também andou ensaiando algumas tentativas e não permitiu que os americanos viessem fazer pesquisas e sondagens aqui no país.

A LUTA PELA PAZ

Realmente, a luta pela paz era permanente, era uma palavra de ordem para qualquer momento; e essa foi uma muito mais incompreendida do que a luta pelo petróleo porque o mundo estava em paz. Porquê de luta pela paz? Aí era o momento de dar explicações nas nossas bases e em contato com a juventude, com as escolas explicar que a União Soviética estava se preparando para a agressão norte americana, do capitalismo; que havia lá fora esses dois polos, o capitalismo e o socialismo em luta, e que evidentemente isso teria reflexo aqui.

E nós fizemos a campanha pela paz para evitar uma guerra lá fora, que certamente envolveria o Brasil. A luta pela paz também foi uma campanha do Partido.

Nós tínhamos uma preocupação muito importante que era a defesa da União Soviética. Havendo paz, a União Soviética estaria resguardada. No caso da guerra, aqui iria dar condições aos americanos para agredir a União Soviética. De maneira que nós tínhamos essa preocupação com a paz também. Quer dizer, a defesa do socialismo na figura da União Soviética, Cuba e outros países que já estavam avançados no socialismo.

A CISÃO ENTRE A ESQUERDA

Eu não me lembro em qual congresso se deu, que se deram as primeiras discussões. Em um desses congressos se deu essa cisão do PCdoB e o PCB. Se não me engano, foi no 8º Congresso que a militância começou tomar consciência dessa cisão, dessa divisão.

Vimos isso com desgosto. As condições que se deram as atividades das duas facções eram tão intensas que não tinham meios de acudir, da militância do PCdoB ou a militância do PCB procurar um entendimento; houve uma ruptura repentina e definitiva. E nós perdemos diversos companheiros importantes do PCB que foram para o PCdoB. Eu não me lembro dos nomes deles, mas perdemos oito companheiros da direção nacional que passaram para o PCdoB. A única manifestação maior que houve nessa cisão foi que o pessoal que criou o PCdoB, não sei o porquê até hoje, atacava muito o Luiz Carlos Prestes, que ficou com o PCB.

O Prestes ficou com o PCB. Atribuía-se a atividade do Prestes, uma das razões da cisão. O núcleo do PCdoB não admitia a predominância administrativa do partido com a figura do Prestes. Até hoje, dentro do PCB, não tivemos nenhuma explicação sobre isso. Talvez o PCdoB tenha em seus arquivos, nas suas lembranças, nas suas memórias as razões definitivas do rompimento. Na cisão, o povo não tomou conhecimento, não deu grande significação a isso; não acompanhou direito. Acompanhava o Prestes, Prestes era o partido, era o comunista. No meu caso, por exemplo, eu estava longe, estava em uma região nova do norte do Paraná trabalhando em derrubada de mato e em plantação de café, não tinha contato algum com o que estava acontecendo porque os jornais chegavam em Apucarana, mas eu estava na fazenda. Eu não me apercebi bem dessa cisão porque eu não estava perto disso.

ATUAÇÃO NO PARANÁ

Eu saí de São Paulo porque trabalhava no Departamento Nacional do Café - DNC e ele foi extinto. Nós fomos indenizados e eu, então, resolvi ir para o norte do Paraná. Um cunhado meu estava trabalhando por lá, com o meu sogro, em um estabelecimento de uma estrada de ferro entre Apucarana e Curitiba. Eles iam muito lá, e eu os acompanhei. Era uma efervescência era uma coisa louca, eu resolvi mudar para o Paraná. Foi assim bem aventurosamente, não tinha nada que fazer lá. Tinha sim a missão do meu cunhado, que me deu a fazenda dele, fazenda Mococa, para administrar enquanto eu não tivesse outra ocupação. E foi a razão que me levou a ir para o norte do Paraná.

Eu demorei muito a ter contato com o Partido. Só depois de bastante tempo que estava no norte do Paraná foi que eu tive contato com o Partido. O contato foi em Londrina, através do Manoel Jacinto Correia. O Manoel Jacinto Correia era o responsável pela ampliação do Partido no norte do Paraná.

Eu comecei a ter uma importância muito grande, o meu trabalho junto ao sindicato, ligas camponesas, de tal modo que chegou o momento que recebi uma missão. Fui orientado pela direção do partido em Curitiba para retirar os companheiros nossos que estavam sitiados em Porecatu. Porecatu era um latifúndio da família Lunardele. E lá nós estimulamos diversas invasões. Era uma área muito grande e eles não tomavam conta de tudo. Estavam plantando cana, já tinha uma usina grande, mas era muito grande. E o Partido estimulou as invasões nas regiões de Porecatu com muito êxito, de tal maneira que foi preciso o governo estadual mandar parte da polícia militar para nos tirar de lá. Esse foi o momento de maior atividade minha, para tirar o pessoal que ficou sitiado lá. Eu e o Manoel Jacinto fomos companheiros, fizemos ligações com os que estavam sitiados lá em Porecatu e em uma noite conseguimos retirá-los de lá. Os levei para o grupo de resistência; não todos, grande parte dos ocupantes de terras se amedrontou e desistiu. Fizeram entendimento com o Estado para receber terras mais para o oeste do estado. De maneira que a minha missão lá foi retirar o pessoal que estava cercado. E retirei e levei lá para a fazenda que eu dirigia, a fazenda Mococa; lá ficaram comigo até que houve uma orientação de São Paulo determinando que nós levássemos esse pessoal para Paranaíba, num sítio de um companheiro nosso, um senhor de muito respeito, que acolheu esses companheiros que nós tiramos de Porecatu.

Depois, em conjunto com Francisco Julião, fizemos um congresso do Partido em Maringá - o congresso que foi, talvez com exceção do congresso de Belo Horizonte, o maior que houve. Congresso camponês. O Francisco Julião compareceu e aí começou o movimento de maior preocupação do governo do estado, foi no tempo do Moises Lupion; houve uma perseguição muito grande lá no norte do Paraná, prenderam muitos, e eu mandei a família para São Paulo. O meu irmão mais novo foi quem levou a família para São Paulo, onde estavam alguns dos nossos. Eu fui para Barranca do Paraná até amainar um pouco. Fiquei uma temporada por lá, uma temporada grande. Assim que um companheiro foi ao Paraná, eu peguei a Sorocabana e fui para São Paulo. Quer dizer, não houve interrupção alguma com o governo de Getúlio.

Era uma luta clandestina muito bem orientada no sentido da agitação que se fazia. Não tinha de verdade grandes bases, não tinha condições ainda. Um campesinato ainda muito atrasado e as cidades também; um campesinato temeroso, sem consciência. Então, tinha muita preocupação com o passado, preocupação com vida, com a família... A luta no campo não foi fácil não. E assim mesmo criamos sindicatos poderosos, grandes. Em Santa Fé, por exemplo, tinha um sindicato com 30 mil militantes; Apucarana tinha 14 mil militantes; Londrina tinha mais de 20 mil militantes. Foi de tal modo e com tal entusiasmo que se criaram os sindicatos, mesmo com a perturbação que se fazia a Francisco Julião, que ele insistia em criar as ligas camponesas, e o partido queria os sindicatos. A gente já estava atenta para o quadro legal da legislação sindicalista do país.

A Sorocabana foi de muita importância para a disseminação de material nosso e para a transferência de companheiros, foi muito boa. Já a outra parte de São Paulo, Paraná não tinha grande importância nisso, é que ia de Ourinhos até Apucarana. A Sorocabana era uma via ideológica nossa, podemos dizer isso.

O GOLPE

Em 64 eu estava em Apucarana, em uma atividade muito grande, a minha atividade no norte do Paraná, Londrina e Apucarana. O norte do Paraná tinha uma atividade muito grande, Maringá, Apucarana e Londrina. Com a criação dos sindicatos, foi uma orientação muito bem feita, não tínhamos condições de fazer bases, grandes associações nessas cidades por serem muito novas. Mas o partido se sediou nessas três cidades, e tivemos um desenvolvimento grande.

1964 acabou com os sindicatos, prenderam todos os sindicalistas. Eu mesmo saí de Apucarana e fui parar lá na Barranca do Rio Paraná. Fiquei três meses fugindo da perseguição, foi um momento difícil para o partido. Tudo aquilo que nós tínhamos organizado no norte do Paraná: sindicatos, associações e mesmo as bases do Partido, foi tudo derrotado. Eu continuava ligado à comissão, mas tinha uma atuação muito grande em Maringá e Apucarana. Morava em Apucarana – agora, na fazenda, ainda não tinha nada, movimento ideológico nenhum. Porque os movimentos camponeses ainda estavam atrasados, havia uma preocupação nossa com o aventurismo do Francisco Julião criando aqui, para todos os lados, ligas camponesas que até hoje eu não sei para que servia. Elas não davam assistência alguma, não tinha assistência ideológica, não queria contato com os comunistas e foi um momento de perturbação na implantação dos sindicatos nos meios rurais.

Eu vinha sempre a Maringá, mesmo estando lá em Porto São José, na Barranca do Rio Paraná, eu recebia contato. Depois eu saí e vim até Maringá. Quando abrandou a pressão eu saí, fui à Sorocabana peguei um trem e voltei para São Paulo para dar um jeito na minha família, que estava um pedaço de casa em casa de um irmão, de uma irmã, de outro.

Construí uma casa em São Paulo e isso acalmou um pouco a minha vida, mas a minha casa continuava sendo aparelho do Partido. Uma coisa curiosa, eu dava a casa como aparelho, mas não tinha contato com a base porque eu estava sendo muito perseguido; então, se me prendessem, eles não tinham contato comigo.

Minha militância não sofreu interrupção, desde que eu tive contato com o Partido passei a militar, ou no movimento camponês ou no movimento cidadão.

A ATUAÇÃO EM GOIÂNIA

O que me motivou a vir a Goiás foi uma coisa acidental, mas é bom saber disso: eu me liguei a um cidadão mineiro, Miranda, não me lembro do nome, e esse Miranda vendia terra no Pará, glebas no Pará. O sul do Pará foi dividido em glebas de 1200 a 1800 alqueires, e ele era um vendedor de glebas para os comerciantes, para os capitalistas de São Paulo. E eu tive contato com ele, que era aqui do Triângulo Mineiro. Tanto me influenciou que me trouxe aqui para Goiás para continuar o movimento de venda de terras. E aqui eu continuei trabalhando nisso e trabalhando, também, com o movimento de vender lotes em Goiânia. E me fixei em Goiânia. Não me lembro por meio de quem que eu fiz contato com o Partido aqui. Se não me engano, foi com o Tibúrcio, José Tibúrcio de Anápolis. Tive contato também através de um companheiro muito fiel, que hoje está na região do Valparaíso, o Santos. O nome de guerra dele é Santos, ele era oriundo dessa região de Goiandira, que fica perto do Triângulo; lá que

se deu o surgimento do Partido Comunista. Tive contato com o Tibúrcio e com o Santos e logo me entrosei aqui, não me lembro em qual base eu fiquei. Mas eu não quis entrar em contato com a direção não. Sempre gostei de militar em base. Depois, com a evolução do trabalho, eu me liguei com direção em Goiás.

PRISÃO

Fui preso quando houve a repressão com intensidade aqui em Goiânia; fiquei um dia e uma noite aqui no BC, depois fui para Brasília lá para o PIC, sob condições violentíssimas, tortura muito grande. Pesava sobre mim uma lenda de que eu era o financiador do Partido aqui em Goiás. Isso porque eu fui designado para abrir uma conta em meu nome, com os recursos que o Partido arrecadava. Não só os que vinham de fora, que eu não sei quem era que mandava, mas os que nós coletávamos aqui para atender a sobrevivência das famílias cujos dirigentes estavam fugidos, perseguidos. Já eram numerosos os que nós dávamos assistência, e eu que fiquei responsável por esse dinheiro e com essa conta. E daí eu fiquei como financiador do Partido aqui. Tinha uma casa grande, era um homem rico que o sustentava. Daí a atenção especial que me deram nos interrogatórios, na violentação. Eu tinha que descobrir, eu tinha que contar de onde vinha esse dinheiro. Na medida do que era possível contar eu contei; dinheiro que eu arrecadava em Goiânia de um e de outro; de quem que arrecadava, eu não sei. A base que arrecadava. Mas nesse interrogatório para escapar de alguma contradição eu às vezes confrontei com a violência, com a tortura.

Eu fui preso na feira, tinha saído para fazer feira e lá me prenderam, no meio do povo. Puxaram-me para um lado, me puseram em uma camionete, vendaram os meus olhos. E eu não tenho a menor ideia de quem foi, nem da fisionomia deles. A surpresa foi tanta que no dia seguinte eu já fui para Brasília; porque que eu fui para Brasília? Porque o meu filho, o Renato, era sargento do Exército e teve sediado aqui em uma cidade para o lado de Goiás e depois tinha sido recolhido para cá e ele estava aqui como 2º tenente. Depois foi que explicaram que eu tive a sorte de me mandarem para Brasília porque a ação da tortura era violenta aqui em Goiânia. Uma coisa medonha, para matar mesmo. Coitado dos companheiros que ficaram aqui.

Eu fiquei quase oito meses preso, muitos choques elétricos. Não sei se isso me prejudicou um pouco a memória, eu não posso afirmar, mas tenho comigo que sempre tive uma memória muito boa, fui um estudante bom para memorizar, e depois dessas passagens por sessões de choques realmente eu não tenho mais memória. Minha memória é muito pouca, não memorizo mais como antes.

Uma debilidade minha, química, estrutural, ou sei lá o quê, me ajudou, porque não sei quantas sessões de choques, eles procuravam os pontos piores para a gente aguentar, mas eu não aguentava os choques eu desmaiava. Machuquei os joelhos tudo. Colocavam-me na cadeira e era só dar o choque, de repente, quando eu percebia, tinha alguém me levantando do chão. E eu acho que isso não deu essa continuidade de choques, mas perdi sem dúvidas nenhuma parte da memória. Porque eu sempre fui um memorizador, sempre usei a memória, sempre li, um verdadeiro viciado em leitura. Tive um curso, a escola normal mais efetiva. E agora não tenho mais aquele potencial de memorização que tinha antes.

A gente tinha na militância, no Partido Comunista Brasileiro, orientação sobre isso, o comportamento da polícia. Alertavam os companheiros sobre os choques, essas coisas que a história dos outros tinha angariado para passar para outros militantes. Nós já sabíamos que isso iria acontecer, estávamos prevenidos, mas por mais prevenido que você esteja o choque é terrível. E eu acho que eu tive a sorte de não ter muita resistência, logo que tomava o choque já caía. Percebia que tinha desmaiado porque o repressor estava ali me levantado; os joelhos estavam sempre machucados.

Eles pegaram minhas contas correntes e fotocopiaram, o banco forneceu. Tinha uma saída de 5 mil reais, e eles falaram que eu peguei aquele dinheiro para mim, que eu tinha roubado. Foi um dinheiro que eu tirei para dar para o Comitê Municipal de Goiânia. Consegui com o Bailão, aquele capitão Ailton me pôs em contato com o Bailão e o Bailão que, era do municipal, confirmou que tinha recebido os 5 mil reais. E não houve contradição por causa de dinheiro, mas tentaram falar que eu tinha roubado o partido para desmoralizar o companheiro.

Em Brasília eu fiquei sempre sozinho na cela - pior situação porque mês de junho e julho em Brasília é muito frio, pior do que aqui - eu fiquei pelado, só de cueca o tempo todo. Era um frio tal que adormecia o corpo; para dormir eu encostava na parede fria... E para dormir um pouquinho fazia uma coisa caricata, era uma coisa grosseira para contar. Conto para vocês, eu precisava pular, eu ficava pulando dentro da cela e esfregando o braço para poder dormir um pouco. Aí sentava, dormia um pouquinho, mas logo gelava tudo e acordava com um frio danado. Eles queriam me dar uma pneumonia, ou sei lá o quê.

Lá sempre deixavam uma brecha; a minha e a do João foi brecha por causa do contato da gente, das duas descargas de privadas, foi fácil, mas depois de sair da prisão a gente tinha um momento de comunicação. Em Brasília, eram diversas celas no presídio, um em cada; e nós só tomávamos sol a cada dez dias, nós íamos lá para o solário. E no mais ficamos presos isolados; só saíamos de lá para esses interrogatórios, os interrogatórios eram permanentes. Queriam saber do João, e eu, que estava preso, tinha que dar conta de onde estava o João. Alguns fraquejavam outros não.

TORTURAS

Nós sofriamos demais. Lá no PIC era uma coisa horrorosa, uma coisa doida. À noite você não podia dormir, eles batendo em companheiros, forçando o sujeito a contar onde estava o outro. Era um eu não sei, não sei; você esteve com ele, e o repressor não encontrava uma contradição. **Um, por exemplo, que sofreu demais foi o Horieste... O Horieste, é uma coisa muito íntima, estou falando a vocês, pedir que ele confirme é até desagradável, mas ele sofreu demais; ele quase enlouqueceu, ele ficava falando besteiras sobre isso, aquilo. Ele ficou desesperado, tentou suicídio.** As maiores sessões foram com o capitão Ailton, ele mesmo não me torturava, ele orientava a tortura. Ele me ameaçava muito para conseguir informações, qualquer coisa sobre o Aníbal, possibilidade de conseguir prisão para o Aníbal. Ele estava na faculdade de Engenharia em Brasília e tinha uma atuação importante nos comitês da vida estudantil; e o Ailton ameaçava prender o Aníbal. E eu aguentei firme, ele pode e não pode prender o Aníbal; se prender, o Aníbal não sabe nada nem da minha vida, nem da minha militância. Poderiam até judiar dele, mas ele não sabia nada.

Era uma coisa terrível. Fez um contato meu com o Bailão e passou o aparelho de choque para o Bailão me dar choque. O Bailão, eu nunca vi um homem reagir de uma maneira tão decidida. Eles queriam desestabilizar um e outro. Choques e pancadas na cabeça e uma porção de coisas. O pior de tudo era quando eles deixavam por conta de um soldado violento; aí dava socos, dava ponta pés, maldade mesmo.

Eu percebi que a tortura que eles queriam era só de amedrontar para conseguir informações. Eram em momentos, às vezes tiravam a gente a noite das celas, vendavam e começavam a andar com a gente no corredor, colocavam a gente encostado nos corredores e ficava aquele silêncio não enxergando nada, e ficávamos lá desse jeito. E às vezes passava um e dava um passa pé nas pernas. Nunca houve uma tentativa, uma tortura tão violenta que se aproximasse da morte.

O PIC era como uma mesa, e ao redor da mesa tinha celas; de madrugada os guardas ficavam circulando, conversavam com a gente. A única simpatia que a gente tinha era essa. Nunca tivemos um oficial com manifestação de simpatia. Mesmo porque entre eles mesmos havia delação; então, o sujeito tinha que ser duro. Se fosse simpático, mole, já era punido certamente.

Houve julgamento, fui condenado há seis meses. Ninguém sabia. A família inteira em São Paulo, amigos me procurando em delegacias, uma coisa louca... é uma parte da tortura. E essa é a pior que tem, é não saber onde foi parar. O nosso advogado, o Dr. Rômulo que faleceu, conseguiu acompanhar o meu processo e de uma maneira enérgica, oh homenzinho danado, fez uma sessão final, pública, uma coisa louca o que ele falou para aqueles oficiais da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. Ele lembrou a todos eles a glória que tinha as suas entidades, que agora estavam ali a serviço de uma causa tão estúpida dessa. Era danado aquele homem!

O tempo todo eu era seguido aqui em Goiânia, sempre tinha um carro lá na frente, à direita aqui, a uns 500 metros ali; uma pessoa que ou ia a pé ou ia de automóvel me acompanhando. Eu percebia perfeitamente. A Clotilde, minha esposa, saía junto para ir ver. Mas nunca me incomodaram não, ninguém na rua, nem chamado eu fui mais.

Os torturadores devem ser processados, mas isso infelizmente não vai acontecer porque o Exército não é democrata assim. A Marinha é pior que o Exército e a aviação, não sei. A Marinha é um antro de reacionários. Certamente não vão, eles vão poupá-los de qualquer processo.

Com a evolução política do país, os dias vão passar e eles não vão se safar disso. Mais tarde, mesmo depois de mortos, serão julgados e processados, eu não tenho a menor dúvida disso. Os torturadores vão ganhar processo sim. E a opinião pública e política do país devem ser alertadas para isso, ainda que governos se sucedam evitando esse processo. Há de aparecer um governo tão forte que leve adiante esse processo para historicamente mostrar à sociedade brasileira que houve tortura e que os torturadores foram fulano e fulano, que foram condenados e presos por tortura e covardia.